

PLANETA TERRA: TEMPO E ESPAÇO CONTRADITÓRIOS*

Elson Rodrigues OLANDA**

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Doutorado

As duas figuras apresentadas demonstram visões do planeta Terra em tempos e espaços diferenciados. A primeira figura representa o Planeta já completamente “envolvido” pelo processo industrial. O operário, com a chave na mão, diz muito sobre a “mecanização” das atividades humanas e nos faz lembrar o filme **Tempos Modernos** (de Charles Chaplin). Na segunda figura o planeta “encolheu”, está tudo escuro e é uma bomba, mas há uma pequena área clara, esta tem luzes, saída, uma “válvula de escape”—que deve ser o contraditório—o não explosivo.

A partir das considerações supra, pretendemos desenvolver a nossa modesta reflexão baseada no tempo e no espaço e algumas contradições dessa relação na vida das pessoas e do Planeta em sua totalidade.

A industrialização possibilitou ao homem completar o processo de ocupação do Planeta - não há lugar na Terra que não teve a influência direta ou indireta da atividade industrial - além disso, a partir de meados do século XX, com os satélites artificiais e as naves espaciais, o espaço do homem não é somente o terrestre, mas também o sideral.

Com o capitalismo, em seu estágio atual, denominado por Milton Santos (A natureza do espaço, 1997) de “técnico, científico e informacional”, grandes e profundas mudanças ocorreram e com elas, novos paradigmas foram colocados para a Geografia.

Perante aos novos paradigmas, para “entender e explicar” o mundo é possível correlacionar as figuras apresentadas como “suporte” inicial deste texto com as considerações de Harvey no livro *Condição Pós-moderna e sua análise de uma figura com o tema “a compressão do espaço pelo tempo”*. Segundo este autor, com o desenvolvimento dos meios de transportes e de comunicações, o homem atinge com deslocamentos cada vez mais rápidos, lugares longínquos do Planeta.

A partir das considerações de Harvey e das duas figuras, colocamos, então, duas questões que tentaremos problematiza-las. A primeira delas - o Planeta se tornou uniforme? Embora haja a mundialização de certos costumes, não há uniformização. Como os processos de globalização e mundialização são contraditórios, há, ao mesmo tempo, a fragmentação dos espaços, como exemplos podemos lembrar: o surgimento de novos países, sobretudo na Europa; a reativação dos nacionalismos; a xenofobia; a construção de novos muros como em Israel. Dito de forma sintética, o capital tem livre circulação pelo Planeta, as pessoas, em sua maioria absoluta, enfrentam barreiras burocráticas e econômicas quase intransponíveis.

Como o Planeta não é uniforme e nem homogêneo, e, os processos de globalização e mundialização são contraditórios, há espaços regionais em níveis internacionais e nacionais. Dito em outros termos, a região não está morta e sepultada, visto que existem as particularidades no Planeta. A região, de acordo com Corrêa (1997) traz para a Geografia a importante relação com a Filosofia, por meio da **particularidade**.

De acordo com Sposito (2004), uma das características do método dialético é possibilitar a análise geográfica contemplando o singular, o particular e o universal.

O universal nos remete à totalidade, segundo Lencioni (1999) “a totalidade aberta” possibilita múltiplas conexões entre o universal, o particular e o singular.

Acreditamos ter demonstrado que não há uma uniformização e Homogeneização da Terra, desse modo levantamos a segunda questão: o “Planeta-bomba” irá explodir? Mesmo que haja uma explosão

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2006.

** Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente da Universidade Estadual Paulista. Professor de Geografia no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás CEPAE/UFG. E-mail: colanda@cepae.ufg.br.

anunciada pelo consumo e consumismo, e que o presente apareça como um caos devido à poluição dos solos, das águas e da atmosfera—somos otimistas com o futuro.

É evidente que o consumismo exacerbado tende a explodir o Planeta, todavia, como insistimos neste texto, a contradição está posta. Para concluir, mais uma vez recorremos ao mestre Milton Santos: “são os pobres, os detentores do futuro” (no livro entrevista com Milton Santos, organizado por Odete Seabra), e como os pobres são a maioria, entendemos que a maioria não está disposta a explodir o Planeta!

Referências bibliográficas:

CORRÊA, R. L. Região: a tradição geográfica. In: CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.183-196.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 7º. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999. SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2º. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEABRA, O. *et al.* **Território e Sociedade**: entrevista com Milton Santos. 2º. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.